Dantas, Julio
Auto da
Raynha Claudia

JULIO DANTAS

AUTO

DA

RAYNHA CLAUDIA

SATYRA

> A hum roym, roim e meyo.
> *Ferreira.*— Comedia de Bristo.

MDCCCXCVII
EDITORES LIBANIO & CUNHA
145, Rua do Norte, 145
LISBOA

AUTO

DA

Rainha Claudia

Julio Dantas

Auto
da
Raynha Claudia

SATYRA

A hum roym, roim e meyo.
Ferreira,—Comedia de Bristo.

MDCCCXCVII
Editores LIBANIO & CUNHA
145, Rua do Norte, 145
LISBOA

A Manuel Penteado

FIGURAS DO AUTO

A Raynha Claudia.
João Fernandes.
Dom Macabro.
O palhaço.
Um arauto.

A PORTA DA BARRACA

A voz do Palhaço

Vinde vêr, vinde vêr! É um pataco a entrada!
Quem fôr da Academia é que não paga nada!
N'este mundo de lama, embora não pareça,
Ganha-se alguma coisa em não se ter cabeça!
É rir, beiços sem côr, é vêr, olhos sem luz,
Os dois da symbiose e o estado em que eu os puz!
Fui poeta n'outro tempo e em piedosos termos
Cantei a podridão, a morte e os enfermos.
Deu-me azas d'ouro o amor; mas apezar de tel-as,
Vivi muito na terra e pouco nas estrellas!
Cuidei dos mortos só. — além d'outros motivos,
Porque sempre entendi muito peior os vivos.
Agora, vejam bem: na cara d'alvaiada
O beiço, em vermelhão, rasga uma gargalhada!
Já é mais o dinheiro e menos o cançaço;
Desci da luz de poeta á escória de palhaço.

Amigos, tenho dois — os unicos precisos:
Meu balandráu de grã e meu gorjal de guizos!
Levanto-me ao tablado e n'uma roupa d'estas,
Assisto cá de cima ao desfilar das bestas!
Vinde, senhores! Vae representar-se um auto:
Já brada a annuncial-o o ataviado arauto.
Desprende a falla altiva e a multidão applaude-a:
— *Auto de D. Gordiço*[1] *e da Raynha Claudia!*[2]
No cadafalso armado esperam-se as figuras,
Vestidas d'ouro e seda, em languidas posturas.

É entrar! É entrar! gentalha barzoneira,
Que esta minha barraca é a melhor da feira!

---

[1] Este *dom Gordiço* é João Fernandes, que veio á estacada em honra e proveito d'uma dama. Não lhe pude chamar Magriço, por via das enxundias.

[2] Não confundir a Rainha Claudia com as ameixas do mesmo nome, que em certas circumstancias produzem uma cathárese abundante. O que não quer dizer que se não tenha dado com a Rainha do Auto o mesmo que se dá com as ameixas. Pessoas que beberam agua depois de a cumprimentar, tiveram de recorrer ao bismutho.

AUTO DA RAYNHA CLAUDIA

O Arauto

No geito quinhentista trabalhado,
É feitura d'um poeta muito antigo
Esse auto que vae ser representado.

Do que n'elle se diz, o que vos digo
É que se falla mal d'uma raynha
E de João Fernandes, seu amigo.

No velho original não se continha
Nada mais do que o auto representa;
Tinha as licenças bem, como convinha.

A acção é enredada e turbulenta:
Esclarecer-vos-ha nos pormenores
Um palhaço que ao tempo se apresenta.

Vae começar o auto, meus senhores.

A voz do Palhaço

Senhores: attentae que foi o tavolado
N'uma alcova real de panno d'ouro armado.
Ides vêr carnações originaes e glabras,
E a camara mudada em corveiro de cabras!
Piscae, arregalae os olhos barregueiros,
Cadaveres d'amor, velhos azevieiros!
Vêde, cheirosas já d'altas perfumaduras
No chão do cadafalso as principaes figuras:
Aquella que alli vem e traz gorgeira fina,
É a raynha Claudia, a grande cabotina!
Hirta, degenerada, herpetica, doente,
É um bello exemplar, incontestavelmente!
Não tem seios: descae-lhe o sayo agironado
Sobre um peito sumido, antigo e rechupado;
E em mostrando a nudez das plasticas ridiculas,
Deve ver-se-lhe bem o traço das claviculas!
Asymetrica, magra, os dentes mal plantados,
Tem a bóssa frontal maior em um dos lados.
Veste o corpo de santa ossuda e bysantina
Em vestidos brutaes que férem a retina,
E assim, com tanta côr, parece, de passagem,
Um cartaz de Chéret, que vae de carruagem!

Fantasma de perfume, a pobre creatura
Tem um fraco no mundo, o da litteratura.
Sonha com edições, sonha com editores,
E na roda pueril dos seus adoradores,
Psychose com dois pés, monstro de preciosismo,
Falla da evolução do novo feminismo!
Olhae: vem arrimada ao cantador da côrte.
Pessoa gordurosa, achamboirada e forte.
Arthritico mostrengo, estafermo hyperacido
D'olhinho luxurioso e grande ventre flaccido.
Um sileno que tem — vergonha dos silenos! —
Acido urico a mais e talento de menos!

Senhores, attentae o vosso ouvido, presto,
Ao que no auto se diz, e sabereis o resto!

PRIMEIRA SCENA

Raynha e João Fernandes

Fern. Vindes cançada, senhora?
Ray. De vos amar sobre a relva
Sem descanço até agora...
Fern. Como o sol crástino doura
As ramarias da selva!
Ray. Sinto-me moça e menina;
O tempo não penso n'elle
Que ainda o sol não declina:
Ai! o que mais me amofina
É a doença de pelle!

Cosméticos d'alto aroma
Que havia á venda em Suburra,
Já nenhum d'elles assoma!
Como as patricias de Roma,
Vou usar leite de burra.

FERN. Que pena agora me deu
Não darem os burros leite...
Porque então cá estava eu.

RAY. Burro que muito se enfeite
Não no quero para meu.

FERN. Fazei melosa essa voz,
Dae-me fallinhas mais doces,
Senhora, que estamos sós:
Eu para os outros dou couces
E zurrinhos para vós.

Zurrinhos muito do peito
E muito do coração;
Porque outra cousa não são
Os versos que tenho feito
Em vossa satisfação.

Fiz modinhas já mudadas
Em que puz vossas mudanças;
Modinhas muito cuidadas,
E coisas desesperadas
De muitas desesperanças.

Meu desejo vos desata
O sayo que vos aperta
Todo de fina escarlata, —
E em certo corpo de prata
Põe uma caricia certa...

RAY. Bem vêdes além o leito
De finas télas coberto:
É o leito em que me deito,

Em certos geitos perfeito,
Em certas lascivias certo.

FERN. Sou gordo. mas os ardores
Não perdem com isso nada!
Por um negocio d'amores,
A mão pegava na espada
Como n'um ramo de flôres!

RAY. Mas dizei: se viesse a guerra,
A guerra, João Fernandes,
Que só o nome me aterra!
Farieis proezas grandes
Para bem da nossa terra?

FERN. Isso agora é outra cousa!
Eu só monto em palafrem
Como dama côr de rosa:
A barriga é volumosa
E já não se ageita bem.

Cavallo robusto e rudo,
Raudão e com desatinos,
Só vel-o por um canudo:
Chocalhava-se-me tudo
Cá dentro dos intestinos!

Guerra, senhora, isso agora
Não é para homem gordo,
Nem é para toda a hora:
Sou cão medroso, senhora;
Se ladro muito, não mordo.

RAY. Mas apezar d'isso tudo,
Eu tenho um fraco por vós,
Por esse rosto papudo:
— O tabardo de velludo
Tirae-o, que estamos sós.

FERN. Sois um anjo de bondade

Que se vestiu de papoulas
E me adormece em verdade...

RAY. Tirae tambem as ceroulas
E ponde-vos á vontade.

FERN. Ceroulas de chamalote
Como diz o cancioneiro:
O chamalote é ligeiro,
Por isso as trago de cote:
Mas custam muito dinheiro.
Ai, junto de vós, senhora,
A roupa não é precisa,
Porque é toda estorvadora...

RAY. Tirae o gibão agora,
Tirae agora a camisa!

A Voz do Palhaço

E rolaram os dois na seda do estramento:
O quadro, por brutal, exige encobrimento.
O panno cáe. A alcôva idel-a ver mudada
N'um antigo salão de madeira dourada.
Eil-o. Ha saráu na côrte. Hirta, cheirosa d'oleo,
A raynha deixou as purpuras do solio,
na opa real de rigido brocado,
Passeia, a ondular, d'um para outro lado.
Dermatose ambulante useira em más venturas
De litteratações e de versejaduras,
Trahindo o fim de raça e a degenerescencia,
Explora o poeta obeso á sua conveniencia;
Dá-lhe um beijo na testa, e sem temor a Deus,
Romances que lhe pede, amostra-os como seus.
Raynha Claudia é, pois, em lettras muito grandes,

Um pseudonymo bom do poeta João Fernandes.
No tablado já estão a côrte e elles dois:
Ouvi o que se diz e julgareis depois.

SEGUNDA SCENA

RAYNHA, JOÃO FERNANDES E D. MACABRO

FERN. Tendes, senhora, em fartura
Uma graça,
Que é bem a da formosura:
Ai quanta mulher escassa
Que a não tem e que a procura!
As feias, em romarias,
Vos pedem frescura nova
A vós, como ás fontes frias...
RAY. Deixae-vos de bugiarias
E ensinae-me alguma trova.
FERN. Das que o meu coração tem?
RAY. Mas á esconsa e em voz baixa,
Que não vos ouça ninguem.
FERN. Tenho versos de borracha
Que a tudo se amoldam bem.
D. MAC. É meia noite, senhores!
Hora de mortos e bruxas,
De medos e de pavores:
FERN. Tangei orlos, sacabuxas,
Trombetas e átambores!
Deixae as vossas conservas
No ouro das escudellas,

E ouvi, ó servos e servas,
Essa que vive entre as hervas
E que nasceu nas estrellas!
  Nossa senhora a raynha
Ides ouvil-a trovar,
(E trovar com trova minha . . .)

D. Mac. Mette rafeiro na vinha
E vê onde vaes parar!

Ray. João Fernandes! depressa!
Vinde, que vos quero aqui,
Porque a trova não me esqueça . . .

Fern. Eu sou a vossa cabeça,
Senhora, não me esqueci.

Villancete

Ray. Mal te enxerguei, bacorinho,
Fiquei gostando ao depois
Da conta de trinta e dois.

Voltas

Ha de pregoar-se nas ruas
Do castello á rua nova,
Que pozeste a melhor trova
Na pagina trinta e duas:
Que predilecções as tuas,
Que me fizeram depois
Morrer pelo trinta e dois!

Os do evangelho, está visto,
Dizem por manha, talvez,
Que morreu aos trinta e tres
Nosso Senhor Jesus Christo;
Mas Jesus, apezar d'isto,
Esclareceu-se depois
Que morreu aos trinta e dois.

Conta de tantos feitiços,
Que por modos convenientes
Tem sempre trinta e dois dentes
Mesmo quem os traz postiços:
Não cuidei nunca de enguiços.
Mas cuido n'elles depois
Que conheço o trinta e dois.

FERN. Bello! Bello! A luz do dia
Dourada, que se alevanta
A fazer-nos companhia!
O vosso engenho seria
A inveja d'uma santa!
(Esta cantiga ruim
Como fui eu a escrevel-a,
Vou-a gabando, — que, emfim,
Sou-lhe agradavel a ella
E tambem me gabo a mim!)

D. MAC. Para fazer versos taes,
E d'um primor tão subido
Que como vossos os daes, —
Em que moeda pagaes,
Senhora, ao vosso valido?

(A Raynha levanta-se, pallida).

RAY. Fernandes! com a bravura
Que mostraes sobre os sendeiros,
Defendei-me, por ventura!

FERN. Senhora, entre os cavalleiros,
Sou o da triste figura!

RAY. A mulher, seja quem fôr,
Precisa quem a defenda:
E é muito feio, senhor,

Se vos portaes na contenda
Como no leito d'amor!
  Inda que o ventre vos pése,
Vêde que o mundo está rôto,
Vingae-me, porque vos prése!

FERN. Ai, lá vae este marôto
Fazer-me a paracentése!
(Arranca da espada).

DOM MACABRO

Esse monstro de femea, ó poeta gandayeiro,
Paga-te em carne, besta, ou paga-te em dinheiro?
Confessa a quanto monta a misera soldada,
Porque em carne, rufião, já não recebes nada!
Por te venderes bem e a preços mais baratos,
Aconselho-te a usar o ambar e os phosphatos!
É o diabo, bem vês, o esgoto de medula:
Esquece a luz do amor e mette-te na gula,
Ó bacoro varrão, porco sentimental!
Tem cascas a esterqueira e sombra o bolotal!
Em guarda, pois, varrasco! A lucta é nomeada,
E a minha espada vae honrar a tua espada!
Nem cofo, nem broquel trouxe que me defenda,
Nem vim de ferrea cóta á singular contenda.
Tenho fé n'este braço, ó anthropoide hirsuto!
Arranca do teu ferro e cruza resoluto!
  Mas antes, consentí, ó almas abençoadas,
Virgens de verde olhar, esposas delicadas,—
Consentí que da terra onde morrendo vivo,
Veja a piedosa luz do vosso olhar esquivo!
Deixae que vos encáre e que por bem de mim
Vos beije a cinta d'ouro e as roupas de setim!

A vós, flôres de graça, em cujo brando peito
Vive o pudor e o bem, — a vós o meu respeito,
A força do meu braço, a vida dos meus nervos,
Senhoras, — que se vivo é para bem querer-vos!
Rudezas para vós, como podia eu tel-as,
Se vos cae sobre a fronte a benção das estrellas.
Se o chão que ides pisando é todo um chão de flôres.
Mães que fazeis o amor florir em mil amores?
Mas se alguma de vós, bastarda, se desterra
Da revoada de luz em que passaes na terra,
Se alguma d'entre vós arroja com fereza
As roupas da virtude e as flôres da pureza, —
Quereis que as vá toucar de rendas d'ouro e rosas
Como vos touco a vós, ó flôres melindrosas?
Quereis que ponha a par da vossa virgindade
O seu pouco pudor e a sua improbidade?
Ah, dae-me vós razão, que a tenho bem de sobra!
Uma mulher que diz e põe na sua obra
Coisas que não diria um homem, — com certeza
Não póde ter direito á nossa gentileza!
Como um homem a trato! Emende-se, que um dia
Talvez então mereça a minha cortezia!

E agora tu: em guarda! Esta demora enfada!
A minha espada vae honrar a tua espada!

A voz do Palhaço

Olhae: cruzam-se no ar duas laminas brancas.
João Fernandes faz misérrimas carrancas,
Fraco no pelejar, grotesco na postura, —
Panal de palha vil, que quer botar figura!
A raynha estremece e grita e chora e uiva,

Como junto do leão uma leôa ruiva.
Fernandes, a tremer do ferro que o molesta,
Féde como um bostal, súa como uma besta!
Lipôma colossal mostrando o ventre pávido,
Parece que emprenhou, parece que anda grávido!
O contendor, ao fim, com seus botões se obriga
A vêr o que o estupor tem dentro da barriga,
E rasga-a toda, olhae, n'um golpe em que lh'a alcança:

—João Fernandes tinha o cérebro na pança!

EPITAPHIO

Aqui repousa alguem, que fez esforços grandes
Por ser cousa de geito e que não poude sel-o:
Quiz ser Camillo, a besta, e falleceu camello!
Quiz ser Cesar, o burro, e foi João Fernandes!